

JOÃO NICOLAU BORN, O MEU PATRONO

As novas estruturas feitas pelo governo da Prússia, tiveram como conseqüências, sérios problemas.

O Governo proibira as relações comerciais com a França, e daí uma grande crise econômica se instalou.

A vida passou então a ser muito modesta nas cidades e muito pobre no meio rural.

O alimento básico era a batata, tudo mais era difícil, e muito limitado.

Nesta oportunidade o Governo Imperial do Brasil oferecia vantagens a emigrantes daquele e de outros países, caso viessem colonizar algumas regiões, mais especificamente, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, pois com a abolição da escravatura a mão de obra no Brasil ficou carente e as terras eram imensas, e precisavam ser colonizadas.

Tudo acertado, alguns colonos embarcaram rumo ao Brasil, fugindo, como já foi dito acima, às adversidades de sua terra, a Prússia, que tanto amavam.

Muitos navios transportaram famílias alemãs para o Brasil, talvez 26 ou 27 que partiram de Hamburgo, deixando lá familiares e a saudade da sua pátria que muitos tinham a certeza que jamais voltariam.

O navio Caroline que tinha como capitão o senhor Jacobs Von de Wettler e como comandante de transporte Von Kettler partiu de Hamburgo em 29-02-1824 e só chegaria no Rio de Janeiro em 14-04-1824, a bordo além de 231 colonos trazia também alguns militares que vinham integrar o Batalhão de estrangeiros no Brasil.

A bordo do navio Anna Louise outras famílias partiram do mesmo porto no dia 24 de março de 1824.

Estas as pessoas chegaram na cidade do Desterro no dia 7 de dezembro de 1828. Entre os que aqui aportaram estavam chefes das famílias Barth, Besen, Brenning, Clausen, Frehse, Kalsing, Rau, Schaeffer, Schmidt e Johan Gehard Born.

Johan Gehard Born, nascido a Prússia em 1785 e casado com Maria Gertrudes Lenhardt, eram os ancestrais de João Nicolau Born nosso homenageado neste trabalho..

Abrindo caminhos, derrubando a mata, construindo suas casas muito rústicas, enfrentando feras, cobras venenosas e índios, se

estabeleceram na Colônia Militar São Pedro de Alcântara, que recebera este nome em homenagem ao Imperador do Brasil, D. Pedro II.

A Colônia São Pedro de Alcântara fundada em 1º de março de 1829 pelo Major da Milícia Silvestre José dos Passos é um marco na história da colonização alemã em Santa Catarina.

Em 1º de maio de 1929 já se tem notícias de que 60 colonos estavam assentados em São Pedro de Alcântara.

Em 1830 algumas famílias que não se adaptaram ao lugar orientadas pelo presidente da Colônia mudaram-se para outros locais, alguns para Lages e outros para a localidade de Louro, nas nascente do Rio Biguaçu, atual município de Antônio Carlos entre eles Johan Gehard Born e sua Maria Gertrudes Lennhardt que ali prosperaram, tiveram seus filhos e netos, entre os quais o nosso patrono já citado João Nicolau Born que cresceu ajudando seu pai na lavoura que prosperava.

.. JOÃO NICOLAU BORN nasceu no dia 20 de junho de 1845 em São Pedro de Alcântara, e cresceu sob rígida educação e tornou-se 'um homem, destemido, corajoso, trabalhador e ávido por terras agricultáveis. Casou com Carolina Leopoldina da Silva em 1866 em São Miguel e então constituiu sua família. A história conta que o oficiante do casamento de João Nicolau Born

foi Monsenhor Topp, assunto contestado por Ozias Alves que diz em artigo publicado no Jornal B.FOCO – Brasil em Foco: “Na época padre Topp estava com apenas 20 anos”. Assunto que eu também contesto e concordo com Padre Artulino Besen, que afirma em O Institucionalizador da Igreja Catarinense: “Monsenhor Topp chegou ao Brasil em 1889, mas em Desterro somente em janeiro de 1890”, portanto quatro anos depois da realização do casamento de João Nicolau Born.

Confirmando esta impossibilidade lê-se em “100 Anos do Colégio Coração de Jesus” de autoria de Maria da Graça Coelho, página 35: Nascido em Warendorf, na Alemanha a 19 de setembro de 1854, Francisco Topp que decidiu pelo sacerdócio. Uma vocação toda especial para ajudar na construção de obras sociais destinadas a servir a humanidade culminou com sua vinda para a América do Sul...” Portanto em 1866 estaria com doze anos.

O casal João Nicolau Born e Carolina Leopoldina da Silva teve os seguintes filhos: João, José, Alfredo, Lúcio, Joana, Emideo, Guilhermina, todos nascidos em São Miguel .

João Nicolau plantou, colheu, negociou desceu e subiu o rio a bordo de grandes barcos, com suas mercadorias, muitas vezes colocando-as dentro de pipas que desciam o rio boiando,

trazidas pela correnteza. Vinha negociá-las na foz do rio.

E tanto desceu e tanto subiu o rio que se apaixonou pela terra. Tudo estava ali, pensava ele. A natureza era privilegiada, e assim resolveu um dia fixar-se com a família na Barra do Rio Biguaçu.

Já se cogitava nesta época uma estrada ligando a cidade do Desterro a Biguaçu.

Tudo favorecia o negociante e administrador de primeira linha que queria mais e mais prosperar

Paradisíaca a foz do Rio Biguaçu tinha como cenário à beira mar, também o pé da serra do mar. O comércio de madeira descia pela calha do rio Biguaçu cuja vila então foi sendo povoada.

O local era um manguezal onde até então os índios carijós pescavam manhosamente.

Nesta época João Nicolau Born muda-se para o local e além de próspero negociante torna-se também grande político que procura fazer a cidade que adotara, ser destaque entre as outras cidades vizinhas.

Estabeleceu-se com a família e no lugar que melhor lhe convinha, ou o mais seco, pois tudo ou quase tudo era pantanoso. Necessário se fez uma Igreja.

Pelo prestígio e influência que João Nicolau Born gozava na sociedade de Biguaçu coube a

sua esposa a escolha do nome do santo padroeiro da cidade e a senhora Carolina Leopoldina escolheu São João Evangelista. Encomendada, a imagem chegou. No dia 27 de dezembro aconteceu a festa de consagração com a presença de autoridades, inclusive de Olívio Amorim, Prefeito de Florianópolis e sua esposa Palmira, são padrinhos de Dilma, que era sobrinha de João Nicolau Born. Este casal é também padrinho de Dilma, uma das filhas de João Nicolau Born.

Nosso personagem edificou em 1874 sua forte casa de comércio em estilo português. Em 1892 resolveu fazer ao lado a sua moradia. agora em estilo alemão, contratou profissionais e artistas e o casarão ficou a seu gosto. .

No detalhe de sua arquitetura nota-se a origem teuta que serviu de marco divisório dos tempos: o tempo dos portugueses e o tempo dos alemães.

No alto de sua fachada, um medalhão traz a data de sua construção, - 1892.

O casarão, famoso e resistente é o símbolo da cidade. Foi a confortável residência de João Nicolau Born e de seus descendentes, foi Paço Municipal, Foro da Cidade. Funcionou como centro social da querida Biguaçu.

Tudo se convertia ou girava em redor do casarão.

O espaço em frente reservou à Praça da vila, e o terreno nos fundos da Igreja reservado para o cemitério.

Como político exerceu diversas vezes o cargo de vereador, sendo Presidente da Câmara .

Neste ano também foi inaugurada a estrada Biguaçu - Itajai, pelo interior, deixando de lado a antiga e difícil via por São Miguel, sob liderança de João Nicolau e seus amigos influentes. .

João Nicolau Born granjeou grande prestígio entre os moradores da vila e foi grande defensor da mudança da sede do município da vila de São Miguel para a foz do Rio, ou seja para a atual cidade de Biguaçu,

Usou este prestígio em prol da cidade e no dia 21 de abril de 1894 enviou correspondência ao Coronel Antônio Moreira César que no dia seguinte assumiria o Governo do Estado de Santa Catarina, já que havia derrotado os federalistas na velha Desterro. Nesta correspondência João Nicolau Born registra o apoio dos habitantes de Biguaçu à República e solicita então que fosse atendido o seu pedido de transferência de São Miguel para Biguaçu, porém que São Miguel preservasse seu nome.

No dia seguinte, 22 de abril de 1894 Antônio Moreira César assinava o decreto nº 183 que atendia a solicitação de João Nicolau Born, e

fixava a vila de Biguaçu como a sede do município.

Em 1895 houve eleição para o Conselho Municipal e João Nicolau Born foi o primeiro Superintendente eleito por votos, cargo que até então era escolhido entre os próprios superintendentes. Este cargo corresponde ao de Prefeito Municipal de hoje. E João Nicolau Born dirigiu a cidade de 1895 a 1898

João Nicolau Born faleceu em 30 de janeiro de 1911 deixando uma lacuna na sociedade biguaçuense, cujo nome está perpetuado no casarão Born que continuou sendo residência de Lúcio Born e sua família. Por muitos anos manteve seu status. Local onde se reunia a fina flor da sociedade bem como local de encontro dos homens de negócios, políticos e artistas.

Alguns governadores do Estado se hospedaram e bebericaram em seu bar ou jogaram em suas mesas. Nereu Ramos foi um deles.

João Nicolau Born tinha uma legião de grandes amigos muitos deles de alto prestígio na esfera política do Estado como é o caso de Antônio Moreira César, Governador do Estado de Santa Catarina e de Alfredo d'Escagnolle Taunay que foi herói da Guerra do Paraguai, Governador da Província de Santa Catarina, Deputado Federal e para quem D. Pedro II

concedeu o título de Visconde de Taunay. com quem João Nicolau tinha grande aproximação e desfrutava de passeios, festas e reuniões . A Academia de Letras de Biguaçu tem em seu arquivo uma carta do Visconde de Taunay dirigida a João Nicolau Born. Esta carta que documenta a relação de amizade entre ambos foi entregue a autora destes escritos e a Dalvina de Jesus Siqueira por Dilma Born Machado, neta de João Nicolau Born. Ambas doaram referida missiva para os anais da Academia de Letras de Biguaçu. Com muito orgulho o acadêmico e historiador Joaquim Gonçalves dos Santos publicou esta carta em um jornal da cidade.

Como já foi dito, ali no casarão era o local de encontro, onde políticos ou negociantes decidiam todo e qualquer ato ou questão social..

Não se fala na história de Biguaçu sem citar João Nicolau Born e o casarão que hoje é patrimônio histórico da cidade a abriga também a Academia de Letras de Biguaçu em cuja parede ostenta uma foto de nosso patrono.

Casamentos realizados, casamentos desfeitos, batizados, velórios. No casarão foi fundado e por muitos anos funcionou a Sociedade 17 de Maio, até que se mudou para uma sede própria. Nele também foi fundada por João Nicolau Born a Banda Musical da Cidade.

Contam os historiadores que o Rei da Valsa, Carlos Galhardo, também foi hóspede do casarão, por acaso. Vinha de uma apresentação em Blumenau para estréia na Capital, fez uma parada no casarão para se abrigar do violento temporal que inundou a cidade.

Tudo estava alagado. Nosso viajante ficou alojado no casarão, apreensivo, admirado, interrogado por todos e solicitado por alguns para que cantasse no que não foram atendidos. Dizem até que tomou algumas caipirinhas enquanto ia e vinha à janela para ver se a água havia baixado.

Os salões do casarão eram ricamente pintados, uma obra de arte. Por todo contorno das paredes, gregas pintadas com flores, frutas, anjos de um colorido invejável. As cortinas esvoaçantes, paredes de 70 centímetros de espessura, sacadas construídas de 2 blocos de pedra polida, apoiada na parede. Coisas da arte e de grandes artistas, tudo lembrando seu construtor e proprietário que além do casarão construiu também em Florianópolis uma casa na esquina da Rua Araújo Figueredo com Saldanha Marinho que foi por muitos anos residência da família Brüggemann, outra casa na rua dos Ilhéus esquina com Araújo Figueredo, onde por muitos anos funcionava uma ferraria, outra casa na Rua dos Ilhéus, onde hoje temos o edificio APLUB, e que foi moradia de um descendente de

João Nicolau Born, creio que sua filha Guilhermina; outra casa na Rua General Bittencourt todas já derrubada e mais uma casa que ainda existe na esquina da Rua Vidal Ramos com Rua Deodoro.

Em uma visita que fiz a senhora Araci Tavares Neves, que na época residia à Rua Jairo Callado, em Florianópolis tive a oportunidade de colher alguns dados da família Born.

Araci é filha de Guilhermina, uma das filhas de João Nicolau. Araci e seus pais Guilhermina e Jacó Lameu Tavares residiam na rua dos Ilhéus em Florianópolis.

E Araci continuou, o Casarão de São Miguel foi construído pela família Ramalho, que mais tarde foi propriedade da família Tavares e depois outros proprietários e hoje é o Museu Etnográfico.

Olhando fotos de seu avô, João Nicolau, Araci falava baixinho – Olha o vovô, que saudades tenho dele, tão atencioso com todos, parece que estou vendo meu avô tão querido. E muito lúcida continuou, tenho uma passagem pitoresca que mamãe me contou que creio que devo lhe dizer que aconteceu com o rico tijucano Jacó Lameu Tavares, filho do proprietário do casarão de São Miguel que se enamorou de Guilhermina, uma filha de João Nicolau. Jacó muito apessoado, de boas posses, boêmio pediu

a jovem Guilhermina em casamento. João Nicolau querendo saber se realmente o galã tinha dinheiro perguntou:

- Você pode me emprestar duzentos mil réis?

Ao que o jovem mancebo à queima roupa respondeu com outra pergunta:

- O senhor quer este dinheiro em dólares ou em libra esterlina?

João Nicolau silenciou. Em pouco tempo estavam casados Jacó e Guilhermina e deste casamento eu nasci, para felicidade de todos nós completou Araci.

Biguaçu homenageia João Nicolau Born dando seu nome a uma de suas ruas e com o tombamento do casarão Born, símbolo histórico da cidade, que abriga o Espaço Cultural da cidade e que também dá abrigo à Academia de Letras de Biguaçu, que tem como patrono da Cadeira nº 20 João Nicolau Born que tenho a honra de ser a titular.

Obrigada a todos.

Ass.: Osmarina Maria de Souza